

Economia.

Aeroportômetro

7 7 5

dias para a conclusão da obra

 EDITORA:
 JOYCE MERIGUETTI
 jmeriguetti@redgazeta.com.br
 Tel.: 3321.8327

INVESTIMENTO EM ENERGIA SOLAR PARA ECONOMIZAR

22 processos de autorização de microusinas estão em andamento

 // LUÍSA TORRE
 ltorre@redgazeta.com.br

Em tempos de conta de luz nas alturas, consumidores estão investindo em casas capazes de produzir a própria energia para economizar, além de ser uma medida sustentável. No Estado, já existem 12 casas produzindo parte de sua própria energia, incluindo a Residência Oficial do Governador, onde existem 11 placas fotovoltaicas – as placas que geram energia a partir do sol.

De janeiro para cá, a conta de luz já ficou mais de 40% mais cara. E, desde sexta-feira passada, começou a vigorar novo reajuste de 2,04%. Por isso, a busca por alternativas vem crescendo: atualmente, há 22 pedidos de autorização para instalação ou para produção de energia solar em andamento na EDP Escelsa.

“Um dos motivos que está despertando o interesse das pessoas na energia solar é o aumento na conta de energia. Antes, o viés maior era pelo lado da sustentabilidade. Hoje, as pessoas estão procurando mais no intuito de achar uma alternativa”, diz José Borges, proprietário de uma empresa da Serra que instala painéis.

GERAÇÃO

Na semana passada, a instalação das placas de captação da luz solar foi finalizada na casa do engenheiro Vicente Martins Saraiva, 64. Agora, ele aguarda o início da operação de sua microusina.

“Sempre sonhei com isso, pois acredito que temos que procurar pela energia renovável. É claro que ter uma redução de custo da conta de luz é interessante. Para mim, é juntar o útil ao agradável: ser sustentável e ainda ter um retorno financeiro”, diz.

ALTERNATIVA

“Antes, o viés maior era pela lado da sustentabilidade. Hoje, as pessoas estão procurando mais no intuito de achar uma alternativa”

JOSÉ BORGES DONO DE EMPRESA QUE INSTALA PLACAS FOTOVOLTAICAS

Sua usina foi feita para suprir 75% da conta de luz da casa, que custa em torno de R\$ 300 por mês. A instalação foi feita pela equipe do arquiteto Gustavo Gravatá. Segundo ele, hoje é possível produzir energia e jogar o excedente para a rede da EDP Escelsa.

“Não vale a pena gerar 100% do consumo da casa porque, para se conectar à rede da EPD, se cobra um valor mínimo, o custo de disponibilidade. O ideal é produzir até 90%”, diz. A rede vira uma bateria para armazenar energia para ser usada quando não há sol. E o consumidor paga a diferença entre o gerado e o consumido.

As microusinas no Estado podem ter a partir de seis placas fotovoltaicas, dependendo da necessidade, e o investimento mínimo ainda é alto: gira em torno de R\$ 20 mil. O tempo de retorno do investimento é de 6 a 8 anos e a manutenção é apenas a limpeza das placas.

Além dos painéis, é instalado um inversor, que transforma a corrente contínua (gerada) em alternada (de uso doméstico) e regula a tensão. Para ter uma microusina, é preciso fazer um pedido na Escelsa e entregar o projeto e documentação. O processo pode durar até 82 dias.



Engenheiro Gustavo Gravatá faz a instalação das placas: excedente de energia é jogado para a rede da Escelsa

Custos e impostos emperram expansão

Apesar de ser considerada a energia do futuro, e de vários capixabas já estarem aderindo a esse tipo de geração elétrica, ainda há entraves para a expansão do uso da energia solar. Entre eles, a forte tributação e os custos elevados de implantação das microusinas domésticas.

José Borges explica que a energia fotovoltaica tem de ser enxergada como um vetor de desenvolvimento

e de geração de renda. Segundo ele, as placas fotovoltaicas são importadas, mesmo que exista uma fábrica no Brasil – as placas produzidas aqui são mais caras. E, apesar de serem isentas de ICMS, sofrem outras tributações.

Mas o grande problema, diz ele, é que quem produz paga ICMS tanto do que consome como do que gera. “O grande pleito de quem

quer gerar eletricidade é que o Espírito Santo precisa aderir a um convênio do Confaz que isenta de ICMS o produtor de sua própria energia. Com o convênio,

FUTURO

“O crescimento é projetado para 40% ao ano. Isso porque ainda não temos linha barata de crédito”

GUSTAVO GRAVATÁ
ARQUITETO

se eu produzo 50 e consumo 100, eu só pago imposto por 50. A alíquota é de 25%, é muita coisa”, afirma ele, que é ativista da campanha #acordaprosolES, para incentivar a adoção da energia solar no Estado.

Gustavo Gravatá acredita que, no futuro, o número de microusinas vai crescer fortemente. “No Brasil, o crescimento é projetado para 40% ao ano a partir desse ano. Isso porque ainda não temos linha barata de crédito para comprar, instalar e virar microgeradores”. Esse ainda é o desafio.

EDSON CHAGAS